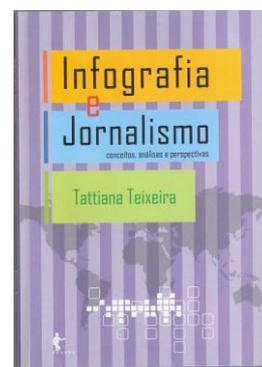


Infografia e jornalismo

Ana Elisa Ribeiro

Doutora | Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
anadigital@gmail.com

TEIXEIRA,
Tattiana.
Infografia e jornalismo.
Conceitos, análises e perspectivas.
Salvador: Editora UFBA, 2010.
120p.



Imagens associadas a textos empregadas com o objetivo de explicar ou narrar algo não são novidade. Talvez a vida escolar de todas as pessoas que tiveram acesso a livros didáticos de Ciências ou de Geografia tenha sido povoada desses textos, que, nos estudos linguísticos, têm sido chamados, há algumas décadas, nos estudos dos novos letramentos, de multimodais.

Também não é de hoje que se estuda, sob várias linhas de fundamentação teórica, a relação entre imagens e textos, incluindo-se fotografias, ilustrações, vídeos, etc. Essa relação, em alguns casos, auxilia o leitor na retenção e/ou na compreensão de informações, como relatavam algumas teses científicas já na década de 1990 ou antes. A convergência (planejada e inteligente) entre semioses (ou modalidades expressivas) pode ajudar o leitor. Apesar do objetivo da produção de textos legíveis (e inteligíveis) ser, em última instância, essa, ainda é extremamente difícil capturar as práticas e as habilidades de leitura. Diversos métodos e instrumentos são empregados, na pesquisa acadêmica, com o intento de explicar os modos de ler, mas ainda assim a leitura, do ponto de vista cognitivo e procedimental, ainda é um fenômeno arisco.

De outro lado, as pesquisas sobre a produção de textos avança em torno de gêneros de ampla circulação, das práticas profissionais e das mudanças técnicas e tecnológicas que nos

têm afetado como redatores e produtores de conteúdo. Entre esses cenários está o do jornalista, que deve atuar, conforme as diretrizes oficiais, em prol do “exercício da *tradução* e disseminação de informações de modo a qualificar o senso comum” (BRASIL, 2001, p. 17, grifo meu). A infografia é um dos recursos (semióticos), em tese, capazes dessa “tradução”.

O livro *Infografia e jornalismo – Conceitos, análises e perspectivas*, de Tattiana Teixeira (UFSC), apresenta, de maneira ágil e simples, um panorama histórico da infografia e defende alguns preceitos a respeito da produção e do uso desse recurso no jornalismo. Em uma obra concisa, a autora (líder do Núcleo de Pesquisa em Linguagens do Jornalismo Científico – Nupejoc) alinhava uma série de condições e justificativas para a existência da infografia em nossas páginas de jornal, tanto impressas quanto digitais.

O livro aqui tratado se divide em quatro capítulos (são 120 páginas), além de um Prefácio, assinado pelo infografista Luiz Iria (Editora Abril), uma Apresentação e das referências citadas pela pesquisadora ao longo da obra. No Prefácio, o premiado Iria é enfático: “A infografia não descreve. Ela mostra!”, uma máxima que orienta grande parte das discussões sobre infografia, especialmente pelos próprios infografistas e jornalistas que lidam com a visualidade. Para Iria, a associação consciente entre texto e imagem confere alto poder de comunicação e inteligibilidade aos textos (multimodais, portanto).

Na Apresentação do livro, Tattiana Teixeira contextualiza o leitor em relação ao Núcleo de Pesquisa que coordena na Universidade Federal de Santa Catarina, no entanto, explicitando sua preocupação em equilibrar discussões teóricas à prática da produção jornalística e à formação do futuro jornalista.

O primeiro capítulo de *Infografia e jornalismo* vai buscar as fontes históricas da infografia atual. De Leonardo da Vinci a Otto Neurath, a relação entre textos e imagens vai sendo sistematizada em prol da leitura e da compreensão de textos. O gráfico, a ilustração e o esquema vão cedendo lugar a um gênero inerentemente multimodal, atualmente empregado com finalidades jornalísticas. De outro lado, explicita-se uma necessidade de que o consumidor da mídia seja visualmente alfabetizado, isto é, aprenda a ler esse gênero que emerge nas práticas comunicacionais. Esse aspecto, ligado aos letramentos, não é enfocado nesta obra, mas merece atenção.

Para Teixeira, há especificidades no infográfico jornalístico (objeto específico de que ela trata). Ela conceitua o termo como uma modalidade discursiva ou subgênero do jornalismo informativo, na qual a presença indissociável de imagem e texto – e imagem, aqui, aparece em sentido amplo – em uma construção narrativa permite a compreensão de um fenômeno específico como um

acontecimento jornalístico ou o funcionamento de algo complexo ou difícil de ser descrito em uma narrativa textual (p. 18).

São dignos de atenção alguns elementos dessa definição de infográfico jornalístico, como o fato de imagem e texto serem *indissociáveis*, o fato de a imagem ser entendida em sentido amplo e a menção aos movimentos retóricos de narrar e descrever, especificamente. A expressão verbo-visual proposta para classificar esse gênero de texto multimodal é uma opção do produtor, que deve distinguir entre as melhores formas de expressão e as linguagens mais adequadas à contingência que tem diante de si.

Mais do que aspectos estéticos, segundo Teixeira, a infografia jornalística busca informar melhor, e vem sendo adotada como forma expressiva por muitos jornais e revistas, inclusive no Brasil. O histórico brasileiro também é narrado no primeiro capítulo da obra em foco, além de alguma discussão sobre o futuro dos jornais.

O segundo capítulo do livro se dedica especificamente ao infográfico jornalístico. Tattiana Teixeira discorre sobre os elementos obrigatórios do gênero (título, texto introdutório, indicação de fontes e assinatura dos autores), voltando a defender que seja uma expressão apropriada para o movimento retórico de narrar. A análise de infográficos e pretensos infográficos é esclarecedora para o leitor, que se depara, em seguida, com uma proposta de tipologia: os infográficos seriam divididos em enciclopédicos e jornalísticos, cada qual com seus subtipos (independente e complementar). Um último subtipo, derivado dos infográficos jornalísticos, seria a reportagem infográfica.

Os infográficos enciclopédicos teriam caráter mais geral, enquanto os jornalísticos estariam mais ligados à apuração jornalística de eventos específicos. Essa distinção é exemplificada com textos retirados de revistas e jornais, auxiliando o leitor e compreender a proposta de Teixeira.

No terceiro capítulo do livro, o foco recai sobre as relações entre infográfico e jornalismo informativo. Aqui a máxima do “aprender a pensar infograficamente” tem a dedicação da autora, que aborda a produção de infografia jornalística de maneira mais dedicada. Na formação do jornalista, essa seria uma questão de letramento visual (conforme chamamos em educação) ou de um letramento específico que a escola é capaz de sistematizar e ensinar.

Questões como que características deve ter um *information designer* são explicitadas e brevemente debatidas, assim como a relação crescente entre textos e imagens/infografia em revistas e jornais. Entra em questão, também e principalmente, a formação do jornalista,

que, provavelmente, atuará em um contexto multiplataforma e convergente, sendo demandadas competências muito mais amplas do que apenas saber redigir notícias.

A produção dos infográficos é tratada no capítulo 4, que considera o papel da escola (de formação de jornalistas) como fundamental, embora se apure que a maior parte dos cursos disponíveis no Brasil ainda não dá atenção suficiente à infografia. A UFSC é uma das poucas instituições que destoa (felizmente) desse cenário, contando boas experiências de ensino/aprendizagem em jornalismo visual. Tattiana Teixeira é responsável por algumas dessas experiências, que incluem alunos de Comunicação e uma relação mais empírica com a produção jornalística e infográfica. Além de relatar uma experiência de ensino, a autora mostra a sistematização de uma metodologia para a produção de infográficos. Isso pode ajudar na seleção das estratégias discursivas que levarão do prospecto à peça textual que será ou fará parte de uma matéria.

Finalmente, as referências usadas pela autora para o livro ajudam o leitor a encontrar uma trilha de reflexão e sistematização do assunto. Infelizmente, grande parte dessa bibliografia ainda está fora do Brasil, mas livros como *Infografia e jornalismo* vêm, justamente, diminuir esse déficit.

Aos que se interessam pelos rumos do jornalismo contemporâneo e pela produção jornalística que preza a interação com o leitor, este livro pode ser ferramenta útil e exemplo a ser seguido. O livro é, no entanto, principalmente, uma defesa importante da necessidade de formar jornalistas capazes de selecionar e planejar expressões e linguagens variados em sua atuação profissional. Trata-se, portanto, de uma obra preocupada com a formação em jornalismo na atualidade.

Recebido em 09/02/2012

Aceito em 08/07/2012